



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS A CERCA DOS NEGROS E INDÍGENAS ATRAVÉS DO LIVRO DIDÁTICO: HISTÓRIA SOCIEDADE E CIDADANIA DE BOULOS JÚNIOR.

Lívia do Nascimento Oliveira(1); Doracy Montenegro de Gois(2); Julio César Pereira dos Santos (3)

(1) Universidade Estadual da Paraíba; Email: livianascymentoo@hotmail.com (2) Universidade Estadual da Paraíba; Email: montenegrodoracy@gmail.com ; (3) Universidade Estadual da Paraíba; Email: julio.chronos@outlook.com

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar e inteirar-se de como estão sendo tratadas as imagens referentes aos negros e aos indígenas a partir dos livros didáticos que estão sendo utilizados nas escolas, com base na decretação da lei 10.639/2003 que assegura que todas as escolas devam incluir nas práticas educativas a história e a cultura afro-brasileira e africana, permitindo assim, aos alunos uma compreensão do processo histórico buscando desnaturalizar o preconceito, racismo e discriminação em relação aos povos negros, da mesma forma que a lei 11.645/2008 foi decretada para ser introduzido o ensino da cultura indígena e sua história para desmistificar a ideia que os alunos têm sobre esses povos. O livro didático frequentemente é usado como única ferramenta metodológica pelo docente, e a partir dessa reflexão observa-se o quanto esse suporte está presente no imaginário de cada aluno. Dessa forma realizamos uma leitura-análise do livro didático “História Sociedade e Cidadania” de Alfredo Boulos Júnior, no intuito de apontar o pragmatismo racial e as suas contribuições referente as leis.

Palavras-chaves: Sociedade, negros, índios.



INTRODUÇÃO

As leis 10.639/03 que torna obrigatório o ensino de história, cultura africana e afro-brasileira nas escolas de ensino Fundamental e Médio e a 11.645/08 que também traz a obrigatoriedade do ensino de história da cultura indígena nos fazem pensar em um momento de descolonização dos currículos escolares, no entanto há certas dificuldades para a aplicação das leis no ambiente escolar. Identifica-se uma deficiência a partir do livro didático que na maioria das vezes não elabora uma problematização diante dessas temáticas relacionadas aos povos negros e aos indígenas.

Lamentavelmente, o que ainda encontramos, são livros repletos de imagens colocando os índios como criaturas excêntricas, bobos e frágeis, negros em situação de extrema carência em rodas de capoeira e senzalas. O livro didático aborda essas temáticas de uma forma pragmática em que destaca os negros em papéis voltados sempre para a escravidão, e quando o índio vai ser tratado nos livros sua imagem é voltada para a colonização, dessa forma temos que tentar mudar essa abordagem seja no livro ou em sala de aula porque a história desses povos vai muito além do que só é mostrado nos livros didáticos.

Apesar da lei que obriga essa desconstrução nas escolas públicas, é comum, por exemplo, que o dia do Índio seja a única data para discussão da cultura indígena, é comum vermos crianças travestidas, todas com “fantasias” de índios, a partir daí pensamos como a generalização do índio faz-se presente em quase todas as ações que o índio surge, uma imagem genérica, que vive nu na mata, mora em ocas, tem pinturas nos rostos, criam um perfil de que todos os índios são iguais.

Precisamos ter consciência de que os conteúdos tratados nos livros podem nos levar a enxergar uma construção de identidade, que sofre com o passar do tempo alterações a partir do espaço regional e também dos currículos propostos, logo se pode dizer que o livro didático tem um caráter variado e peculiar, não esquecendo que é um produto editorial tratado como mercadoria com padrões referentes a cada tipo de edição. “O professor poderá desmitificar esses valores que os currículos propõem, tentando combater a forma preconceituosa com que esses povos são tratados nos livros didáticos.” (BARRETO, 2009).

Sabemos, portanto o quanto a escola e o livro didático tem papel fundamental na formação dos discentes, ao mesmo tempo em que constrói conceitos, a escola e o livro deve fazer o trabalho da (des) construção das ações preconceituosas para com os negros e indígenas.



Iremos analisar através dessas imagens e fragmentos de textos do livro didático, como o autor coloca esses conteúdos possibilitando saber quais são as visões postas sobre os Indígenas e os negros e de que forma são discutidas suas singularidades, se são vistos no caso dos negros só como escravos, como força de trabalho, como conformados com tal situação etc. e de que maneira os indígenas se fazem presente nesses conteúdos, será que são vistos também como força de produção, mão de obra entre outros estereótipos? Neste caso será feito uso de autores que vão contribuir dando subsídios para esta análise como SILVA (2002); GUIMARÃES (2008); GOMES (2012); SISS e BARRETO (2009) entre outros.

METODOLOGIA

Para a realização do presente trabalho foi feita, a primeiro momento, uma leitura/análise do livro didático “História Sociedade e Cidadania” de Alfredo Boulos Júnior, objetivando apontar o pragmatismo racial e as suas contribuições referente as leis, bem como leituras complementares de autores que nos deram subsídios teóricos sobre a temática.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

O livro didático constitui um instrumento importante no processo de socialização e de humanização, tendo o professor como mediador, serve de apoio às atividades tanto aos professores como aos alunos. A sua função específica é de auxiliar o professor na tarefa de permear o saber historicamente, ajudando a socializar o conhecimento bem como de ensinar esses alunos a serem cidadãos críticos.

Sendo assim o livro didático poderá ensinar a esses alunos a vivenciar seus valores sendo motivador de informações, alguns conteúdos podem provocar reações, torna-os seres pensantes e críticos, mas é importante termos cuidado com o livro, pois em muitos se percebem atos de discriminação em que é narrada a história de vencedores e de brancos omitindo a história negra, portanto um bom conteúdo sendo desprovido de estereótipos, enfatizando uma visão diferenciada do que temos nesses livros atualmente faria a diferença na educação.

É possível uma reflexão acerca de que tipo de conhecimento deve ser inserido nos livros didáticos, sabendo que o mesmo “apresenta o passado histórico e a cultura do povo negro e indígena sob forma reduzida e conivente, quando não consegue invisibilizá-los completamente” (GUIMARÃES 2008, p. 60)



Desse modo, é de extrema importância que os professores escolham com cuidado o livro que adotarão para ser utilizados em suas práticas educativas.

Para a realização deste trabalho foi examinado o livro didático de História que faz parte da coleção: **História, Sociedade e Cidadania** do autor Alfredo Boulos Júnior, 2013 versão atualizada, referente ao 2º ano do Ensino Médio. O sumário está dividido em unidades de I a IV contendo 16 capítulos ao todo. A análise foi feita através do capítulo 3: Povos Indígenas no Brasil e capítulo 6: Africanos no Brasil: dominação e Resistência, no sumário só haviam esses dois pontos tratando dos indígenas e dos negros. A capa do livro traz cinco jovens afrodescendentes no qual explanam sua cultura.

OS INDIGENAS REPRESENTADOS NO LIVRO DIDÁTICO

O autor apresenta algumas características gerais dos grupos indígenas brasileiros. Mencionam que existem diferenças entre os grupos, mas não avança no sentido de apontar para algumas que sejam capazes de remeter o leitor às especificidades e singularidades dos grupos, ao contrário, ao tentarem falar dessa diferença acabam reforçando a ideia de que os índios são todos iguais.

O desconhecimento sobre a situação atual dos povos indígenas está associado basicamente a imagem do índio que é tradicionalmente veiculada pela mídia: um índio genérico com um biótipo formado por características correspondentes aos indivíduos de povos nativos habitantes da região Amazônica e no Xingu, com cabelos lisos, pinturas corporais e abundantes adereços de penas, moradores das florestas, de culturas exóticas etc. (SILVA, 2002, p.46)

O capítulo começa retratando as semelhanças entre os indígenas através de uma imagem que aponta as características como o corte de cabelo as pinturas e as diferenças entre si, nota-se na intenção do autor que a imagem trata desses povos de maneira idealizada principalmente no que se refere aos pintores europeus. Na imagem dois trata da arte ficando limitada a forma de manipulação com os elementos plumas, cocar, vestimentas, pinturas e etc. nota-se que na maioria dos livros só informam coisas semelhantes e privilegiam os mesmos aspectos da sociedade tribal.



O livro faz indicação de documentários para que os alunos possam se aprofundar mais no assunto caso queiram, nesse início o autor dar um link de como os índios são vistos pela sociedade atualmente. Na parte da reflexão o autor traz o conhecimento e a contribuição indígena a cultura brasileira em que se refere apenas a organização social básica; o modo de garantir a sobrevivência; a forma de preparar os terrenos para o plantio; a divisão do trabalho entre os sexos; a forma de garantir a continuidade da etnia etc. mas será que a única contribuição dos povos indígenas para a cultura se limita apenas a produção e a mão de obra? Um aspecto curioso é que o índio sempre aparece com foco no passado, em função do colonizador.

O índio é apresentado apenas como um ser dócil que trabalha em troca de quinquilharias, não havendo referência alguma a qualquer tipo de resistência empreendida por ele nesses primeiros tempos de ocupação e exploração. Não há qualquer menção a possíveis dificuldades encontradas nos primeiros contatos da chegada dos portugueses. O autor vai enfatizar a questão da terra voltada para a atualidade mostrando os principais problemas dos povos indígenas no campo, no qual conseguir a terra torna-se difícil porque gera uma disputa por elas e muita violência.

Denúncias de violências, pressões e espancamentos contra os índios, multiplicaram-se em documentos da época. Muitas famílias se dispersaram, sem terras, fugindo as perseguições, vagavam nas estradas ou eram empregadas como trabalhadoras nas fazendas e engenhos. Outras deslocaram-se para locais de difícil acesso, onde sobreviveram e mantiveram vivas a consciência étnica e suas tradições. Oficialmente, eram tidos como “caboclos” ou “remanescentes” de indígenas que tinham “desaparecidos”, como referia-se os livros e foi incorporado pelo senso comum. (SILVA, 2002, p.49)

Na imagem três, o autor se permite e tem uma visão mais evoluída vamos dizer assim, pois, ele usa imagem dos índios vestindo calças jeans e sapatos, o autor constrói algo diferente em que a maioria dos livros ainda os trata como seres que não são civilizados e que andam nu. Boulos ainda tem uma preocupação de citar artigos da constituição dando ênfase aos direitos reservados a eles.

Encerrando o capítulo o autor traz um tema chamado à imagem como fonte, esse seria um momento de reflexão para os alunos através de uma pintura que representa a disputa do espaço com os europeus, no qual os povos indígenas estão em menor quantidade, mostra também os índios apanhando e sendo submetidos aos povos europeus em que fica explícito o uso de objetos não pacificadores e cria-se a imagem de que os índios estavam conformados com tudo que estava acontecendo.



OS NEGROS REPRESENTADOS NO LIVRO DIDÁTICO

É notório vários pontos em comum nos livros didáticos, por exemplo, muitos deles privilegiam o processo de escravidão brasileira. Sabemos que é importante conhecermos essa parte da história do negro, mas devemos compreender também que sua história não se resume apenas a este fato, como ressalta Guimarães (2008, p.63) “A história do negro brasileiro não teve início com o tráfico de escravos. É uma história bem mais antiga, anterior a escravidão nas Américas, a vida do cativo no Brasil”. Como é o caso do capítulo analisado em que o autor tem uma preocupação em mostrar links para acesso na internet que vai explicar a escravidão na África antes dos europeus e a justificativa do ponto de vista do que levava esses povos à escravidão.

Ao mesmo tempo em que o autor aborda a escravidão o mesmo faz uma crítica a violência dos europeus com os escravos, descreve como os escravos sofriam diante da travessia onde eram aglomerados em navios passando fome e sede, pois eram muito mal alimentados, faz uso de mapas para explicar por onde a maioria dos africanos desembarcou em várias regiões do Brasil. Neste capítulo o autor faz uso de diversas imagens em que mostra em uma delas a ilustração de como os escravos viajavam, em um quadro do artista Debret, os escravos estão sentados e quietos na senzala no qual se encontram conformados com a atual situação no qual os negros são tratados como seres inferiores.

Ao analisar os conteúdos percebi que o autor demonstra uma preocupação em relação aos pontos que descreve porque mostra os dois lados da situação, ao mesmo tempo em que trata em uma pintura de escravos conformados sugere em outro ponto a forma de resistência desses escravos em que diz que os escravos reagiam de formas variadas não sendo tão submissos, o quanto alguns livros enfatizam. O autor entra em contradição nos seus textos porque vai fazer uso agora de uma imagem distorcida onde coloca os escravos como rebeldes que agiam fisicamente fazendo corpo mole no trabalho, quebrando máquinas, incendiando plantações e até agredindo os feitores, no sentido de agredir os feitores não seria o contrário?!

O autor trata de forma curta a questão dos quilombos, cita a figura de Zumbi dos palmares e de forma bem resumida diz que foi um chefe militar e religioso, traz mapas para explicar onde eram situados alguns dos quilombos e também traz imagens dos movimentos negros em que retrata esses povos com faixas de suas divindades clamando por liberdade religiosa.



A cultura afro é de uma riqueza muito grande, mas nos livros é abordada de forma pobre e vazia, isto ficou evidente através das imagens que foram utilizadas pelo autor onde enfatiza alguns aspectos da cultura desses povos como a exemplo nos traz a capoeira, a festa de Iemanjá e a manifestação da cultura banto, o curioso é que o autor faz uso dessas imagens mas não utiliza de conteúdos para explicar então percebe-se a invisibilidade dada à população negra nos livros didáticos pela forma como os autores tratam a temática.

As imagens presentes no livro didático revelaram a presença significativa do negro em alguns segmentos de prestígios da sociedade, como traz imagens de afrodescendentes que conseguiram vencer na vida conquistando seu respectivo espaço de atuação como Gilberto Gil, Daiane dos Santos e Sandra de Sá, contudo os negros ainda continuam sendo sutilmente retratados de forma subalterna na maioria dos livros. Na realidade, há uma dificuldade em reconhecer o negro como sujeito integrante, personagem significativo, construtor da história do país, no que diz respeito a base econômica, cultural, social, política, do passado e do presente, desse modo afirma BARRETO e SISS (2009):

Dessa maneira, associou-se à imagem do negro, como sinônimo de escravidão, apenas como trabalhador braçal. Produziram-se a invisibilidade de seres humanos portadores de uma diversidade cultural fabulosa, eliminando-se a possibilidade do negro aparecer na sociedade brasileira, como portador de novos pensamentos, de organizador de um modelo de política alternativa, como agente transformador reinventando uma nova maneira de organização social. (BARRETO e SISS,2009, p.35)

São diversos os livros e conteúdos escolares que tratam a temática dos negros como povos sofridos, escravizados, conformados com tal situação que lhes eram impostas, a força de trabalho etc. Boulos de certa maneira é crítico e nos mostra por pequena parte que seja enfatizada em seu livro a cultura afro e os movimentos negros para se fazer uma reflexão sobre as formas de preconceito que permeiam nossa sociedade.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pequena análise realizada a partir do livro didático através de dois conteúdos que se referem aos povos indígenas e aos povos negros, se percebe que há uma extensão dos conteúdos em que a representação das imagens dos indígenas e dos negros está mais ampla no sentido de que antes das leis que foram promulgadas “obrigando” introduzir esses conteúdos nos livros didáticos mais precisamente no ensino de história os negros eram somente inseridos a história da escravidão, da colonização e abolição, já os índios ainda são tratados nos livros quase da mesma forma genérica, hoje não que houve uma mudança extraordinária, mas poderia dizer que houve uma pequena mudança em relação aos conteúdos no qual alguns livros didáticos tratam a história desses povos a partir de sua formação, suas formas de resistências e por pequeno que seja de suas culturas.

Desse modo não basta só às escolas incluírem em seus currículos esses assuntos, pois é preciso uma adequação ou qualificação dos professores para trabalhar com a temática seja ela indígena ou afro-brasileira de maneira crítica onde permita a compreensão desses povos na nossa formação e tentando combater o racismo velado.

Deve-se ter certo cuidado ao selecionar as imagens para serem utilizadas nos livros, pois alunos de diferentes etnias, classes sociais e etc. vão fazer uso desse material, pois se os livros apresentassem imagens diversas dos negros e dos índios como um integrante ativo da sociedade certamente as crianças negras iriam fazer associações com essas imagens se fossem positivas, mas o que vemos é que essas imagens só tratam dos negros e dos próprios índios como um ser inferior que apanhou e sofreu então qual é a criança que quer se assemelhar a essas imagens?

Devemos reconhecer que há avanços nos livros didáticos sobre a história e a cultura afro-brasileira e indígena, mas ao mesmo tempo se faz necessário que estes conteúdos apareçam de maneira clara em que se possa enfatizar a real contribuição dos povos africanos e indígenas na construção da cultura em nosso país.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

BARRETO e SISS, **FORMAÇÃO DE PROFESSORES COM FOCO NA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**. Diversidade e Sistema brasileiro de Ensino, vol.2 ed, 2, p.32-62, 2009.

BOULOS, Júnior, Alfredo. **HISTÓRIA SOCIEDADE E CIDADANIA**. 2º ano/1. ed.- São Paulo: FTD, 2013.

GOMES, Nilma Lino, **RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, EDUCAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO DOS CURRÍCULOS**. Revistas online currículo sem fronteiras. vol. 12, n 1, PP. 98-109, Jan/Abr 2012.

GUIMARÃES, Francisco Alfredo Morais. **A TEMÁTICA INDIGENA NA ESCOLA: ONDE ESTÁ O ESPELHO?** – Revista Fórum identidades. Ano 2. Vol 3-p.57-65 jan-jun de 2008.

SILVA, Edson. **POVOS INDIGENAS E ENSINO DE HISTÓRIA: SUBSIDIOS PARA A ABORDAGEM DA TENÁTICA INDIGENA EM SALA DE AULA**. História e Ensino, Londrina, vol.8, p.45-62, out.2002.